

# Boletim

NO. 02 - JAN/1974

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS



RECIFE

PERNAMBUCO

# Sumário

Nº 97-JAN/FEV/MAR, 74

<b>Reportagem</b>	.....	1
<b>Entrevista</b>	.....	5
<b>Documento</b>	.....	11
<b>Pesquisas</b>	.....	13
<b>Notícias</b>	.....	17
<b>Estudo</b>	.....	25
<b>Conselho Diretor</b>	.....	42
<b>Diretoria Executiva</b>	.....	50

BOLETIM

Publicação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, editado  
pela Assessoria de Imprensa. Circulação Interna.

Capa: Desenho de João Câmara

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Ministro de Estado - Senador Ney Braga

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS

Conselho Diretor

Presidente - Gilberto de Mello Freyre

Membros - Nilo Pereira, Nilzardo Carneiro Leão,  
Ruy João Marques e Syleno Ribeiro .

Diretoria Executiva

Diretor - Fernando de Mello Freyre

Departamentos Técnico-Científicos

Antropologia - Waldemar Valente  
Economia - Clóvis Cavalcanti  
Estatística - Luís Paulo Castro  
Geografia Humana - Rachel Caldas Lins  
Sociologia - Renato Carneiro Campos  
Museologia - Carlos Alberto Azevedo

Divisões

Documentação - Edilma Coutinho  
Pessoal - Edne Cavalcanti Barros e Araújo  
Administração Financeira e Contábil - Paulo Rogério Quintas Lopes  
Material e Serviços Gerais - Fernando Costa Carvalho

Boletim

Diretor - Maximiano Campos  
Redatores - Homero Fonseca e Eduardo Fereira  
Arte - Arnaldo Tobias  
Datilógrafo - Lais Ambrósio  
Op. de Mimeógrafo - Luis Gomes de Freitas

Correspondência

Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais

Av. 17 de Agosto, 2187 - Casa Forte - Caixa Postal nº 3477

End. Telegr. JONABUCO - Telex : JONABUCO RCE - 036 730

Recife - Pernambuco

**Reportagem**



## **"Casa Grande & Senzala", 40 anos depois: uma obra revolucionária e permanente.**

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais abriu, no dia 15 de março, a exposição retrospectiva dos 40 anos de publicação da obra clássica "Casa Grande & Senzala", que valeu inúmeros prêmios ao escritor Gilberto Freyre e 16 edições brasileiras, duas portuguesas, oito francesas, quatro inglesas, duas espanholas e ainda em alemão, italiano e iugoslavo.

Hoje, 40 anos depois de sua primeira edição, conhecida em vários países e reconhecida pelos grandes centros de estudos literários e sociais do mundo, "Casa Grande & Senzala" é também motivo para um concurso literário, instituído pelo IJNPS e aberto a brasileiros e estrangeiros que escrevam um ensaio sobre a obra.

(Cont.)

# Depoimento

Gilberto Freyre, ao se referir à sua obra, não esconde que o trabalho de que mais gosta é "Aventura e Rotina". Entretanto, ao entregar ao seu primeiro editor - o falecido poeta Augusto Frederico Schmidt, em 1933, - os originais de Casa Grande & Senzala, sentiu que "o livro ou seria considerado de um idiota ou de um gênio" e que ao ler o que disseram os críticos Roquete Pinto, João Ribeiro e "o quase sempre maldizente Grieco" inclinou-se "a pensar que estava mais próximo da segunda que da primeira categoria".

"Casa Grande & Senzala - complementa seu autor - é autobiografia das que um pensador alemão, anos depois de publicado o livro brasileiro, viria a chamar de autobiografia coletiva. O autor surge às vezes como um ser singular.

Mas de ordinário como um ser plural, coletivo, representativo. Como o próprio Brasil".

"Sendo um livro carnal, sensual, sexual até - frisa Gilberto Freyre - é mais <sup>isso que</sup> um livro abstrato ou hipocritamente moralista; é um livro total em sua maneira de ser humano, pan-humano, brasileiro, pan-brasileiro.

Um livro em que o autor, retratando-se ~~justo~~ <sup>mas</sup> mais a si próprio que ao próximo, <sup>individual em solitário</sup> estendendo sua autobiografia, não hesita em aparecer nu, em mostrar-se defeituoso em revelar-se atrasado com relação a outras pessoas e a outros povos. Mas sem esconder defeitos, mostrar qualidades. E por isto um livro anti-relatório". *Um livro revelação.*

xxx



## Entrevista

Este exemplar,  
oferecido a quem  
o está leucidamente  
reeditado C.G. & S. a  
documentário cinema-  
tográfico, é o único  
revisito e emendado  
pelo autor.

Gilberto Freyre

Casa-Grande de  
Massangana,  
25 Junho 1974

Ao registrar-se o 40º aniversário de publicação da primeira edição da obra Casa Grande & Senzala, o sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre recebeu de todas as partes do mundo manifestações de respeito e de atenção.

Nesta Entrevista, concedida ao Departamento de Telejornalismo da TV Rádio Clube, Canal 6, do Recife, Gilberto Freyre conta os momentos mais significativos da elaboração da importante obra e narra acontecimentos pessoais da época.

E o autor define assim a sua obra: "O livro é em grande parte original: antecipação, criação. Influências indiretas algumas notáveis como a de Boas foram as únicas que sofri".

1. - Nasceu onde ?

GF.- No Recife, a 15 de março de 1900. Numa das duas casas de bom feitiço antigo, com janelas envidraçadas, no sítio onde ergueu-se depois - e está hoje - o palacete de Costa Azevedo (de Cateante). Não era palacete a casa onde nasci. Também não era casa pequena. Bastante grande.

2. - Onde começou a parte redacional de Casa-Grande ?

GF.- O livro foi concebido a bordo do vapor francês Belle-Isle que me levou ao exílio, acompanhando meu amigo Estácio Coimbra. Já então eu possuía notas tomadas três anos antes na excelente Biblioteca Oliveira Lima, em Washington, para uma espécie de "história da vida de menino no Brasil". Minha tese era então que o menino, como pai do homem, precisava de aparecer na história brasileira, como deve aparecer nas de outros países. Era ou é um desprezado. Os primeiros rascunhos do que seria Casa Grande & Senzala, - ainda sem nome - escrevi-os no Senegal, onde fiquei alguns dias - no Belle-Isle - e onde tive o meu primeiro e impressionante contacto com a África Negra. Contacto que me fez sentir que tanto quanto o menino, o escravo precisava de ter destacada de modo antropológico na história de países como o Brasil na reconstituição da fundação de civilizações euronegras ou, de modo geral, eurotropicais. Meu tropicalismo vem de longe e não de sugestões do aliás simpático baiano Caetano Veloso, como já houve quem espalhasse.

3.- A parte redacional foi completada numa casa da Estrada do En-

canamento. ~~Em que local da casa?~~  
GF.- ~~Sim, a "parte redacional"~~, Depois de continuada em Portugal, nos Estados Unidos, na Alemanha, no Rio, foi completada numa casa de propriedade do meu irmão Ulysses, à Estrada do Encanamento, no Recife, onde vivi só e em situação precária, durante meses, comendo uma vez por dia: almoço-jantar que me preparava minha Mãe e enviava pelo bom Manuel, preto nascido no tempo da escravidão e durante longos anos pessoa de nossa família e para quem eu - para ele supremo - era um semi-Deus. Escrevia eu no que fora a sala de jantar de Ulysses e onde não havia móveis além de uma velha mesa de pinho, onde fazia as refeições. Escrevia sobre uma esteira.

4. - Escrevia pela manhã, à tarde ou à noite ?

GF.- Quase todo o meu trabalho de escrever, nessa casa mourisca, que ainda hoje existe - embora o seu vasto e bom sítio tenha sido reduzido a um quintalejo - era feito pela manhã, por vezes começando de madrugada. Às vezes se estendia pelo dia inteiro. Trabalhei intensamente. Dormia cedo mas às vezes saía à noite e com frequência visitava a casa próxima de uma catimbozeira amiga, chamada Josefina Minha Fé e cuja filha Maria - ambas pretas - por vezes me visitava. Uma vez ou outra eu jantava em casas de amigos.

5. - Escreveu o livro em que máquina ? Onde ela se encontra ?

GF.- Máquina nenhuma. A lápis. Quem primeiro datilografou foi o meu amigo, o escritor hoje famoso Luís Jardim que de tal modo se deixou empolgar pelo livro que escreveu um romance, basea-

o em Casa-Grande & Senzala. Li-o a seu pedido. Era fraco .  
E eu lhe dei minha opinião. Ele não publicou.

6. - Em que ano recebeu os primeiros direitos autorais de Casa-Grande ?

GF.- Em 1931. Os primeiros direitos autorais de C. G. & S. me foram pagos a prestação, e de modo irregularíssimo, pelo então editor Schmidt, depois milionário, que não pagou o total de 5 contos de réis. Pelo que lhe disse uma vez - sempre admirei nele o poeta mas do editor não posso falar bem - quando ele já milionário, que eu estava à base de sua fortuna. Depois da 1.ª edição, que logo se esgotou tendo feito grande ruído pró e contra, Schmidt fez duas edições piratas. Só estão apareceu um notável advogado do Rio, Trajano de Miranda Valverde, que eu não conhecia, que se ofereceu para reconquistar o livro para mim, o que fez com rara bravura, enfrentando o então poderoso Ministro Francisco Campos, que protegia Schmidt. Para concluir o livro servi-me da venda de mangas, de jambos, e jacas, já no Recife, no sítio de Ulysses, depois de quase três anos no Rio, em São Paulo e no estrangeiro.

7. - Quanto rendeu de direitos a Primeira Edição de Casa Grande ?

GF.- Repito que devia receber 5 contos de réis. Mas só recebi, a prestações pagas irregularmente, 4 contos e quinhentos. Prestações de quinhentos.

8. - Qual o livro que, até hoje, mais lhe rendeu de direitos ?

GF.- Precisamente Casa-Grande & Senzala, com 16 edições brasileiras, 2 portuguesas, as primeiras 5 em português de três mil,

as seguintes, de 5.000 e uma de 10.000, formando um provável total que lhe dá lugar saliente entre os livros mais vendidos no mundo em qualquer país. Principalmente se acrescentássemos que teve 8 edições francesas, 4 em língua inglesa, 2 em língua espanhola, além de edições em alemão e italiano e, sem controle, iugoslava. Gallimard publicará breve, de modo notável, a 9a. edição francesa.

9. - Quando publicou a primeira edição de Casa-Grande, vivia de que ?

GF.- Depois de ter estado em Portugal em estado de penúria, fui convidado - honra excepcional - para "Visiting Professor" da Universidade de Stanford, uma das cinco ou seis melhores dos Estados Unidos, com honorarias dignas. Aí permaneci 6 meses, continuando, como em Portugal, a escrever C. G. & S. e valendo-me da excelente Brasileira Branner, rival da Oliveira Lima, que existe em Stanford. Findo o meu contrato com a inesquecível Stanford, segui para a Alemanha onde precisava consultar valioso, raro mesmo, material antropológico, desde que o livro é em parte histórico, em parte antropológico e sociológico. Mas - acrescenta-se sempre - principalmente obra de escritor: escritor literário. Saliente-se também que livro inovador e pioneiro no que um crítico Existencialista francês anotou como uma de suas originalidades: sem pluralismo metodológico. Um brasileirismo que segundo outro crítico europeu

ilustre, este inglês, aos 20 anos depois do arrojo brasileiro a Europa e os Estados Unidos começava. Foi esse um dos "novos caminhos ao estado do Homem" que a Sorbonne, ao receber-me com grande solenidade <sup>proclamou que</sup> tivera sido abertas pelo autor de C. G. & S. Enganou-se <sup>os referindo-se</sup> assim que, <sup>afirmam que</sup> ao setor Método ou Métodos, eu trouxera para o Brasil coisas aprendidas nos Estados Unidos e na Europa.

10.- Meio de transporte que utilizava no Recife ?

GF.- No Recife, precária como era minha situação econômica, nas raras vezes que vinha da casa do Encanamento ao Recife, vinha a pé. Vinha e voltava.

11.- Centro literário (pertencia a algum enquanto escrevia C.G. & S.)

GF.- Não pertencia a nenhum centro literário.

12.- Contou com a colaboração de algum amigo nas pesquisas de C.G. & S. ?

GF.- Como datilógrafo, Luís Jardim. No Rio, na revisão do livro, com a colaboração de meus queridos amigos Manuel Bandeira, o poeta, e Rodrigo Mello Franco de Andrade.

13.- Que bibliotecas consultou ?

GF.- Várias: a Biblioteca Nacional de Lisboa, Arquivo Histórico Colonial, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (inclusive a parte virgem de sua seção de documentos) a até então desprezada biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a seção de manuscritos da Biblioteca do Estado de Pernambuco, a Biblioteca Oliveira Lima, a Biblioteca do Congresso, de Washington (seção de manuscrito inclusive) em Washington, a Biblio-

teca da Universidade de Columbia. Várias outras. Alguns ar-  
quívos particulares. Inaugurei no Brasil a informação oral  
ouvindo ex-escravos, antigos senhores como a Baronesa de Con-  
tendas, antigos fazendeiros em São Paulo, aos quais me apre-  
sentou meu amigo Paulo Prado; negras velhas de tabuleiro, o  
negro velho Manuel Santana, meu amigo fiel.

14.- Sofreu influência de alguém para escrever C. G. & S. ?

GF.- Influência marcante, nenhuma. O livro é em grande parte ori-  
ginal: antecipação, criação. Influências indiretas, algumas  
notáveis como a de Boas, foram as únicas que sofri.

## Documento

Em rápidas palavras, por ocasião da abertura da Exposição Retrospectiva dos 40 anos de publicação de Casa Grande & Senzala, no dia 15 de março, o diretor-executivo do IJNPS, bacharel Fernando de Mello Freyre, destacou a oportunidade da homenagem, "pelo transcurso de data tão significativa para os estudos sociais brasileiros".

E ressaltou que se tratava de "homenagem a livro singular de pessoa tão ligada a esta Casa, como seu fundador, Presidente do Conselho Diretor e principal incentivador das suas múltiplas atividades científicas".

Nesta Seção, as palavras de Fernando Freyre.

me atraem, mas o céu aberto é que principalmente me encanta ; sou sensível ao valor das tradições mas os arrojados experimentais me se-  
duzem como sereias aos antigos homens do mar portugueses - os que se tornaram aventurosamente lusotropicals ; a aventura cosmopolita penso às vezes que é o meu ideal de vida mas no meio das aventuras mais aliciantes dessa espécie, sinto-me saudosos da própria rotina: da província, da casa velha, até dos chinelos também velhos, de animal felinamente doméstico".

Este é um brevíssimo auto-retrato de Gilberto Freyre, homem mergulhado no seu tempo, no tempo por ele denominado de tríplice, onde de passado, presente e futuro se interpenetram.

Desejei fugir a estas palavras, pensei em pedir que outro abrisse esta exposição. Temia revelar, em momento como este, a admiração filial. Mas vi que não poderia desertar deste momento e desta admiração, porque julgo que uma das maiores capacidades que se possa ter é a da admiração. Admiração não apenas de filho por pai, de pai por filho, de amigo por amigo, de apreciadores de obras de arte por artistas, de cidadãos comuns por esportistas e políticos; a vida é uma série de admirações e repulsas, das quais não devemos nos furtar.

Não sendo um cientista social, um crítico literário, mas apenas um administrador interessado em tudo o que diga respeito a problemas e particularidades brasileiras, não iria fazer aqui julgamentos literários, científicos, da obra homenageada, outros mais capazes e isentos já o fizeram.

Meus amigos, está aberta esta exposição. Muito obrigado!

Pesquisas

rio.

ORDEM DE SERVIÇO Nº 13, DE 27  
DE MARÇO DE 1974.

RESOLVE:

Autorizar o pagamento a SUZANE MARY WILLIAMS, como bolsista do Plano de Trabalho sobre o "Sincretismo religioso Afro-Brasileiro" supervisionado pelo Departamento de Antropologia, da importância de CR\$1.630,00 (hum mil seiscentos e trinta cruzeiros), correndo as despesas à conta do Elemento 3.1.4.0 - Encargos Diversos do Plano de Aplicação do corrente ano.